

O castro de S. Vicente da Chã (Montalegre)

Campanhas de escavações de 1965 e 1966

Dos planos de trabalho do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, tem constado a exploração arqueológica do castro de S. Vicente da Chã.

O castro de S. Vicente, designado na região por «Craсто dos Mouros» e ainda por «Craсто do Duque» (1) é um povoado pré-romano, muralhado, sito entre as povoações de Travassos e de S. Vicente da Chã, no concelho de Montalegre.

Está construído num cabeço, acidente orográfico entre os muitos que ouriçam as terras de Barroso e era outrora abraçado na maior parte do seu contorno pelo rio Rabagão. Fica, hoje, nos terrenos ocupados pela vasta e magnífica albufeira da barragem de Pisões, no Alto Rabagão, uma das barragens da Empresa Hidroelétrica do Cávado.

O acesso ao castro só é possível fazer-se de barco por a água da albufeira submergir, até mais de meia encosta, o cabeço onde ele assenta. Ficam imersas, quando as águas da albufeira atingem o nível máximo, as suas três fiadas de muralhas. Resta fora da água, apenas, o cimo do cabeço, região onde já se encontram definidos os alinhamentos das paredes de 16 casas e de alguns muros (Fig. 2).

Em 1966 o acesso ao castro teve de fazer-se de barco, gentilmente posto à nossa disposição pela HICA. Queremos testemunhar, novamente, ao Conselho de Administração desta Empresa o nosso agradecimento pelas facilidades que nos concedeu, nomeadamente no capítulo de instalação e transportes e na cedência, por empréstimo, de diverso material necessário para as escavações.

*
* *
*

As campanhas de que hoje nos ocupamos (1965 e 1966) sucedem-se a duas outras cujos resultados se encontram já

(1) Esta designação não implica que o castro se situe em terrenos que tenham feito parte de qualquer dos ducados da alta nobreza nacional. Era assim designado por o proprietário dos terrenos onde se encontra ter o apelido do «Duque».

publicados nos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, *Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* e do *Centro de Estudos de Etnologia Peninsular* (1).

A primeira notícia relativa a este castro data de 1963 (2) e nela o Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR relatou a visita que ali fez na companhia do Sr. Dr. CARLOS DA SILVA LOPES, chefe dos Serviços de Contencioso e Expropriações da Hica e conservador Adjunto dos Museus, e do Assistente Dr. AGOSTINHO FARI-NHA ISIDORO.

Campanhas de 1965 e 1966

O nosso principal objectivo nestas duas campanhas foi desembaraçar o castro das pedras que cobriam as vertentes do cabeço onde está implantado, para em futuras escavações procedermos a estudo mais minucioso, nomeadamente pela cirandagem das terras, operação que no momento se nos afigurava difícil, senão mesmo impraticável.

Ocupamo-nos em especial das vertentes leste, nordeste e sul, tendo os trabalhos de prospecção incidido principalmente nos terrenos adjacentes às ruínas de um grupo de 4 habitações e da muralha cimeira do castro.

Seguindo um princípio orientador, que de há muito tem sido posto em prática pelo Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» e que se nos afigura ser o mais conveniente, fomos repondo nas paredes das casas, nas muralhas e nos muros de suporte, as pedras tombadas que não apresentavam quaisquer relações de alinhamento com as pedras circundantes. Pretendeu-se, deste modo, repor as pedras trabalhadas no lugar que se nos afigurou ser o seu local de origem.

Acrescentaremos que não foi nosso propósito reconstruir o castro mas antes, e unicamente, aproveitar produtos da actividade humana que, dada a situação de um castro — encimando um cabeço de vertentes quase sempre difíceis de transpor — pertencem indiscutivelmente às suas edificações. Não podíamos proceder de outro

(1) SANTOS JÚNIOR & AGOSTINHO F. ISIDORO, *Escavações no castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1963, vol. XIX, fasc. 2, págs. 178-186, 11 figs.

SANTOS JÚNIOR & OSVALDO FREIRE, *O castro de S. Vicente da Chã (Barroso)* — *Campanha de escavações de 1964*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1964, vol. XIX, fasc. 3-4, págs. 366-371, 10 figs.

(2) SANTOS JÚNIOR, *O castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1963, vol. XIX, fasc. 1, págs. 79 e 80.

modo uma vez que as pedras trabalhadas que se vão encontrando são testemunhos autênticos da actividade dos castrejos. A quantidade destas pedras e o volume de algumas delas, aliados à circunstância já referida de um castro ocorrer num terreno de acesso difícil, são provas evidentes de que a sua existência não pode ser atribuída a mera actividade recreativa, mas sim a um trabalho aturado e intensamente vivido pelos obreiros destes recintos murados.

Fácilmente se aceita, ainda, a necessidade de se altearem os muros das edificações em ruínas com as pedras que vão aparecendo no decurso da escavação. O manuseamento das terras impõe esse alteamento para se conseguir espaço disponível para a recolha das terras removidas.

Casas

Nas campanhas de 1965 e 1966 definiram-se os alinhamentos das paredes de três casas, duas circulares e uma rectangular.

Uma das casas circulares situa-se na vertente norte e tem o diâmetro interior de 2,5 m. As paredes têm aproximadamente a espessura de 45 cm. A zona circundante foi sumariamente limpa, arrumando-se a pedra recolhida sobre o que restava da parede desta habitação.

A outra casa circular encontra-se na vertente sul num plano inferior ao do nível das águas da barragem, quando em pleno enchimento. A parede encontra-se parcialmente destruída pela ondulação das águas da albufeira, faltando-lhe já algumas pedras do alicerce.

A casa rectangular sobressai, no conjunto das 16 casas assinaladas neste castro, pelas suas dimensões. Situa-se na vertente sudeste com o eixo maior, que mede 5,40 m, orientado segundo *E W*. O eixo menor com 3,30 m tem orientação *N-S*.

Não nos foi possível definir nestas habitações a posição da porta.

O mesmo aconteceu com as casas encontradas nas campanhas precedentes, circunstância que se fica devendo, muito provavelmente, ao estado de destruição em que se encontram as paredes destas habitações das quais, por vezes, só restam as primeiras fiadas de pedras do alicerce.

Ocupámo-nos, ainda, da zona do terreno que circunda uma das casas redondas que foi assinalada na campanha de 1963. A remoção das terras e pedras acumuladas nesta zona facultou-nos a descoberta de um curioso alinhamento que representamos, em esquema na fig. 1, e na fig. 3.

Faz parte deste alinhamento um murete de suporte, situado num plano superior ao da casa referida, que liga por um dos extremos a um bloco de granito natural e que se continua, pela outra extremidade, por uma fiada de pedras fixadas verticalmente no solo e dispostas topo a topo. Esta fiada de pedras vai ligar a um outro bloco de granito. Este alinhamento é, no seu conjunto, encurvado, dispendo-se em torno da casa circular.

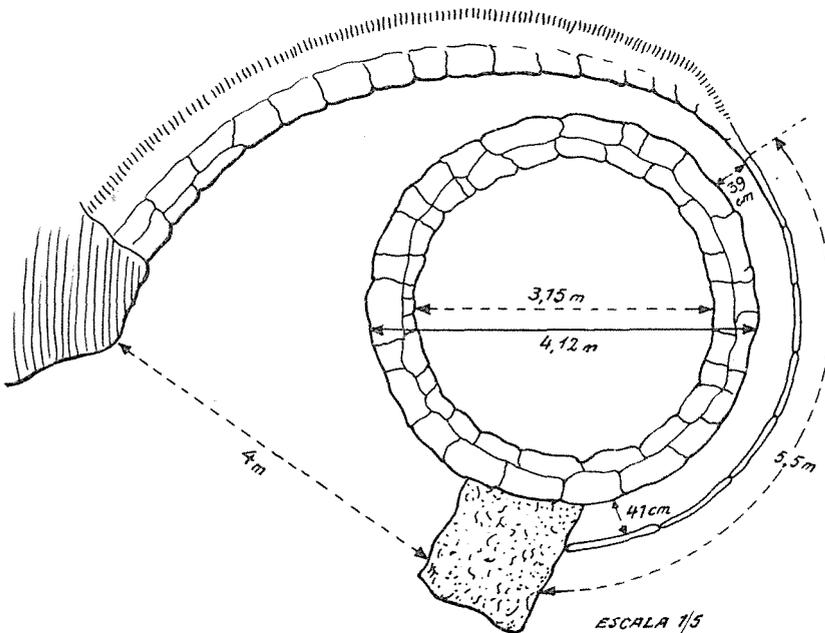


Fig. 1 — Casa circular com muro de suporte e fiada de pedras que o continua.

Limpou-se, igualmente, o terreno junto de um grupo de quatro habitações da vertente norte. Definiram-se aí dois muros de suporte de pedra tosca. Junto do ângulo interno de uma destas casas encontramos, cavada numa pedra da parede, uma cova relativamente profunda com uma pedra de tampa ou cobertura como mostra a fig. 6. A face da pedra junto desta cova apresenta-se polida e com um rebaixamento que, segundo supomos, permitiria a entrada da mão.

Muralhas

Limpou-se a face interna da terceira muralha. A face externa foi levantada até à altura da face interna numa extensão de 30 metros. O espaço entre as duas faces foi aproveitado para o lançamento da terra que havíamos retirado na escavação da face interna.

Refizemos parcialmente o muro cimeiro numa extensão de 20 metros. As pedras deste muro são muito bem trabalhadas, talhadas em forma de cunha e por tal, facilmente se distinguem das pedras das outras edificações.

Espólio

No espólio recolhido abundam os fragmentos de cerâmica, sementes incarbonizadas e blocos de barro com reboco numa das faces e sulcos na face oposta. Contam-se ainda alguns fragmentos de madeira incarbonizada, 3 coeiros e algumas peças de bronze e ferro.

Nas terras removidas encontraram-se abundantes fragmentos de cerâmica de vários tipos: uns de pasta negra, outros de pasta castanha e vermelha. A maior parte é de pasta grosseira, granosa e micácea e só alguns, poucos, são de pasta fina, brunida ou gogada. Alguns apresentam ornamentação incisa e só um ornamentação estampada (Fig. 8, e).

Além da bolota, encontramos milho-miúdo e grãos de trigo incarbonizados.

As bolotas, que aparecem em grande quantidade, (Fig. 10) parecem-nos idênticas às que o Sr. Dr. AGOSTINHO ISIDORO encontrou em 1963 neste castro ⁽¹⁾ e às quais o Sr. Dr. PINTO DA SILVA atribuiu o género *Quercus* (espécie?).

Estas bolotas, como se sabe, eram utilizadas, depois de convenientemente tratadas, para a produção da farinha com que os castrejos fabricavam pão. Têm aparecido em vários castros portugueses e espanhóis, e foram já referidas por ESTRABÃO que informa que os castrejos tostavam e moíam a bolota fabricando com a farinha recolhida o pão de que se alimentavam durante grande parte do ano.

Além do pão de farinha de bolota, os castrejos fabricavam pão de outra natureza, como podemos inferir do facto de aparecerem, em diversos castros, grãos incarbonizados de outros cereais.

(1) SANTOS JÚNIOR e AGOSTINHO ISIDORO, *ob. cit.*

No castro de S. Vicente da Chã encontrámos em 1966 e 1967 umas massas compactas de milho-miúdo. O Sr. Dr. A. R. PINTO DA SILVA (1), a quem enviámos uma amostra deste material, disse tratar-se de *Panicum miliacium* (L.), o vulgar milho-miúdo ou alvo que ainda hoje é cultivado em algumas regiões no norte do País, sobretudo no Minho, e que era utilizado no fabrico do pão de que os minhotos se alimentavam antes do aparecimento do milho grosso. Estes grãos não constituem novidade pois têm sido encontrados em vários castros. Outro tanto não sucede com um outro tipo de grãos que aparecem por vezes misturados com o *Panicum miliacium*. No parecer do Sr. Dr. PINTO DA SILVA estes grãos são de *Triticum dicoccon* Schrank (1789).

Esta espécie, muito embora tenha sido já citada em Espanha, e muito recentemente por Maria Hopf e Hermanfrid Schubart na província de Alicante, constitui novidade para a arqueologia nacional (2).

Madeira incarbonizada

Deparamos nas nossas escavações com alguns fragmentos de madeira incarbonizada, sete porções cilíndricas e uma tabular.

Os fragmentos cilíndricos têm diâmetros que oscilam entre 10 e 15 mm (Fig. 13). Encontrámos, como mais à frente referiremos, um destes fragmentos incluído num dos sulcos de um bloco de barro.

A porção tabular tem a espessura de 15 mm (Fig. 13) e apresenta uma perfuração infelizmente incompleta por o bloco se ter partido segundo um plano que a abrange. O orifício aparenta ter forma circular.

Blocos de barro

Na vertente Norte, ao removerem-se as terras e pedras da superfície, encontraram-se uns amontoados de pequenos blocos de barro mal cozido que, por vezes, se apresentam muito fragmentados (Fig. 14).

Devido ao barro se encontrar muito humedecido estas porções argilosas apresentam-se coalescentes e, por tal, muito difíceis de

(1) O Sr. Dr. PINTO DA SILVA forneceu-nos, muito gentilmente, os elementos referentes à análise destes grãos. Aqui deixamos o nosso agradecimento a este distinto investigador da Estação Agronómica Nacional (Oeiras).

(2) MARIA HOPF e HERMANFRID SCHUBART, *Getreidefunde aus der Coveta de L'Or bei Alcoy (Prov. Alicante)*, in *Madrider Mitteilungen*, 6-1965, Heidelberg, págs. 20-38, 25 figs.

isolar. Nas amostras que recolhemos facilmente se distinguem duas faces. Uma das faces é lisa, por vezes ligeiramente côncava, e apresenta-se rebocada com uma pasta branca disposta em finas lâminas sobrepostas.

A outra face é muito irregular devido aos sulcos pronunciados que possui, e que se nos afiguram ter sido produzidos por moldagem no contacto com o varedo ou estacaria que este barro calafetava.

Na campanha que efectuámos em 1966 tivemos a oportunidade de encontrar um bloco de barro que conservava íntegro um canal preenchido por um fragmento cilíndrico de madeira incarbonizada idêntico aos que referimos anteriormente (pág. 373).

Este fragmento de madeira ajustava-se perfeitamente ao canal existente no bloco, circunstância que nos permite encarar a hipótese de que os referidos fragmentos de madeira fizessem parte da estacaria a que estes blocos se encontravam apoiados. No mesmo bloco havia ainda alguns sulcos que corriam paralelamente àquele canal e que se encontravam preenchidos por terra. Estes sulcos não são outra coisa senão canais incompletos resultantes da fratura dos blocos por planos de menor resistência — planos que passam por sucessivos canais paralelos.

Ao pretendermos transportar este bloco para um lugar cuja exposição facultasse uma boa fotografia, apesar dos cuidados que acompanharam a sua remoção, ele partiu-se, perdendo-se, infelizmente, este bom testemunho.

Estas porções de barro pertenciam, sem dúvida, ao revestimento das paredes de habitações do tipo «cabana». Da ligeira curvatura que se observa na face rebocada de alguns destes fragmentos pode inferir-se que as paredes daquelas habitações teriam forma circular e que a argila se aplicava pelo menos na face interna da parede.

Habitações deste tipo são referidas por Vitruvio (Marcus Vitruvius Pollio, 88-26 a. C.) como tendo uso generalizado na Gália, na Hispânia, na Aquitânia e na Lusitânia. Constituíam um tipo de habitação arcaica que precedeu as casas definitivas de pedra, e que com estas deve ter coexistido durante algum tempo nos nossos castros, uma vez que a substituição da cabana por casas de pedra deve ter sido lenta e morosa.

Ídolo de pedra (?)

O Sr. Prof. Dr. D. FERNANDO DE ALMEIDA, em Setembro de 1965, encontrou neste castro, no decurso de uma visita que aí



Fig. 2 — Castro de S. Vicente da Chã ilhado pela albufeira da barragem de Pisões.
A seta indica a linha de água da albufeira quando em pleno enchimento.

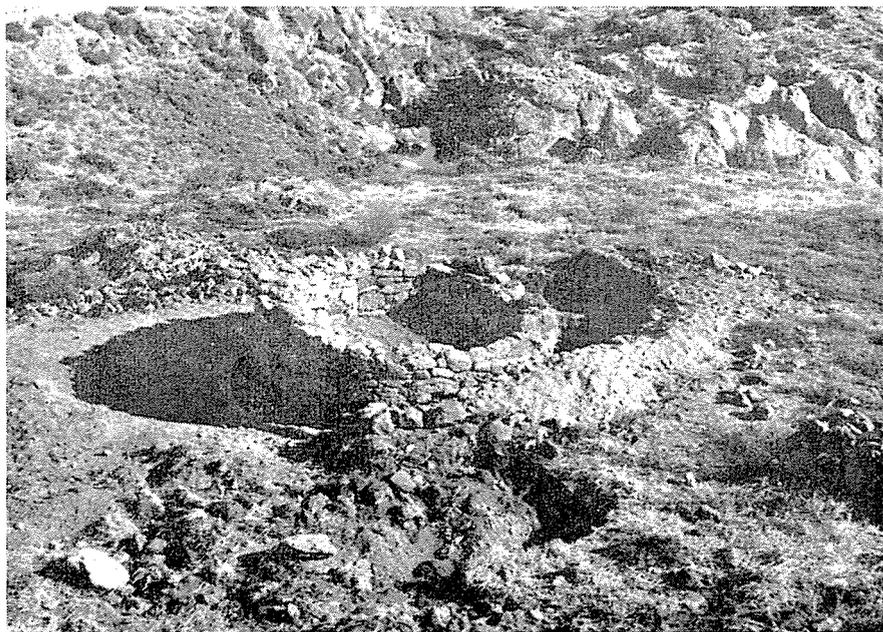


Fig. 3 — Casa circular com muro de suporte e fiada de pedras que a circundam.
(Vd. desenho da fig. 1).



Fig. 4 — Fase dos trabalhos de escavações.



Fig. 5 — Duas casas da vertente nordeste.



Fig 6 — Esconderijo (?) aberto no xisto do recanto duma casa rectangular, tal como foi encontrado.



Fig. 7 — Pormenor da fig. anterior. Retirada a pedra da cobertura vê-se a cova, um tanto oval, que estava cheia de terra.

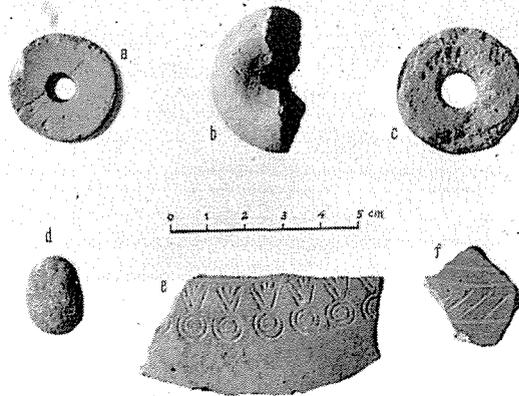


Fig. 8 — Em cima: três cossoiros de barro; em baixo: à direita, dois fragmentos de cerâmica ornamentada; à esquerda, peça de bronze com uma face convexa, a que mostra a fotografia, e a outra plana.

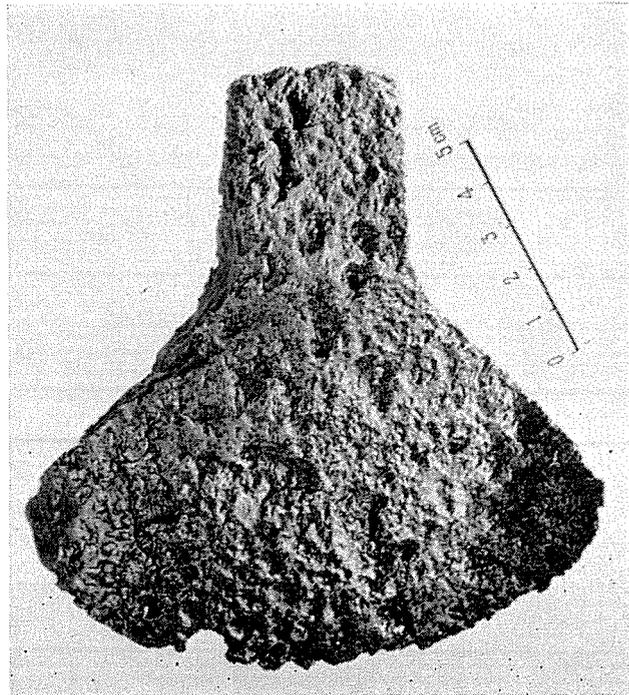


Fig. 9 — Peça de ferro que lembra um machado, mas cujos vértices do gume em crescente estão revirados no mesmo sentido, tal como sucede nos trados.

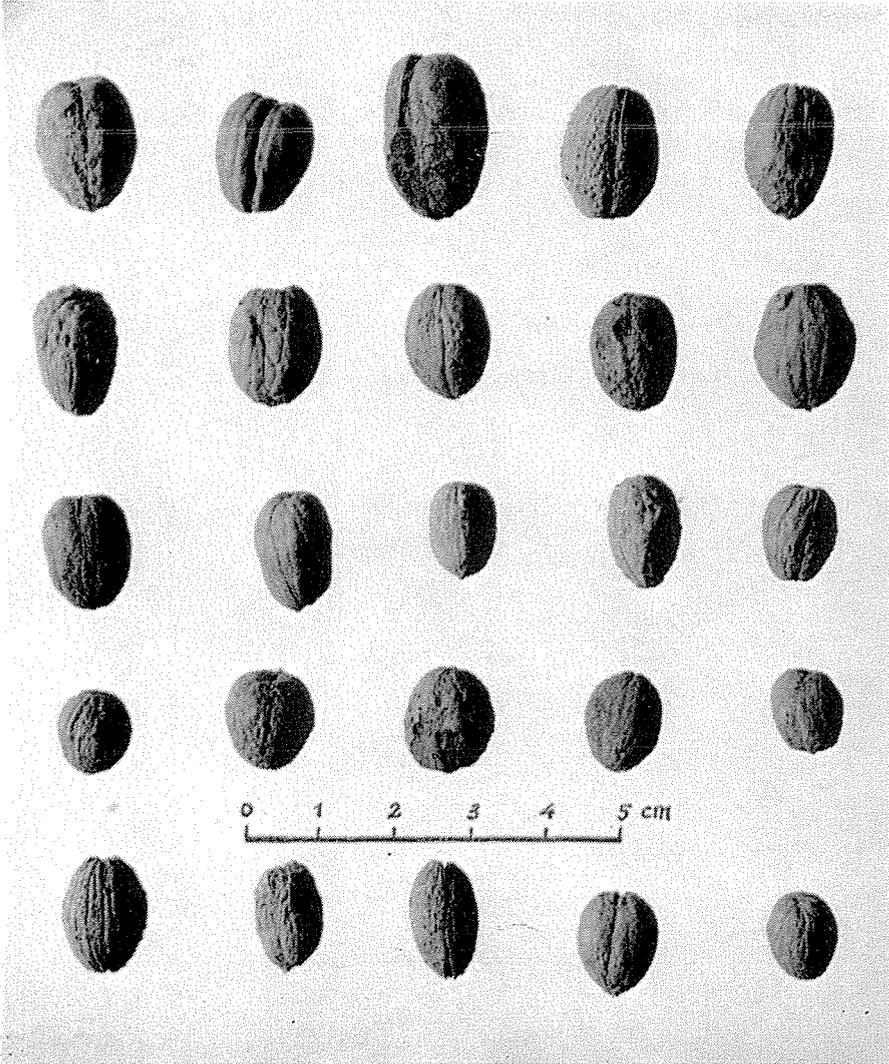


Fig. 10 — Bolotas incarbonizadas

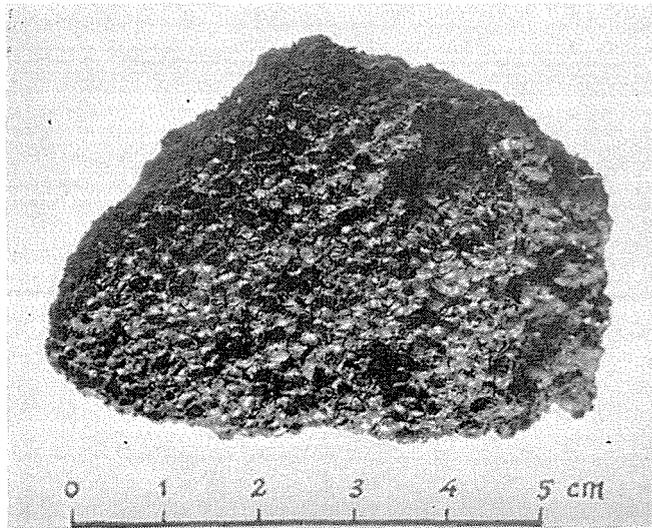


Fig. 11 — Bloco de milho-miúdo incarbonizado.

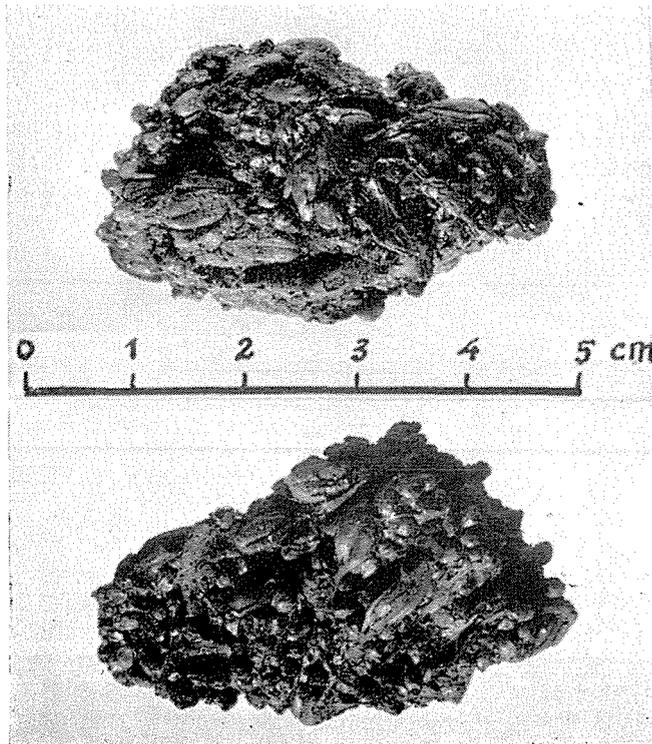


Fig. 12 — Bloco de sementes incarbonizadas visto pelas duas faces.
Juntamente com milho-miúdo vêem-se grãos de trigo.

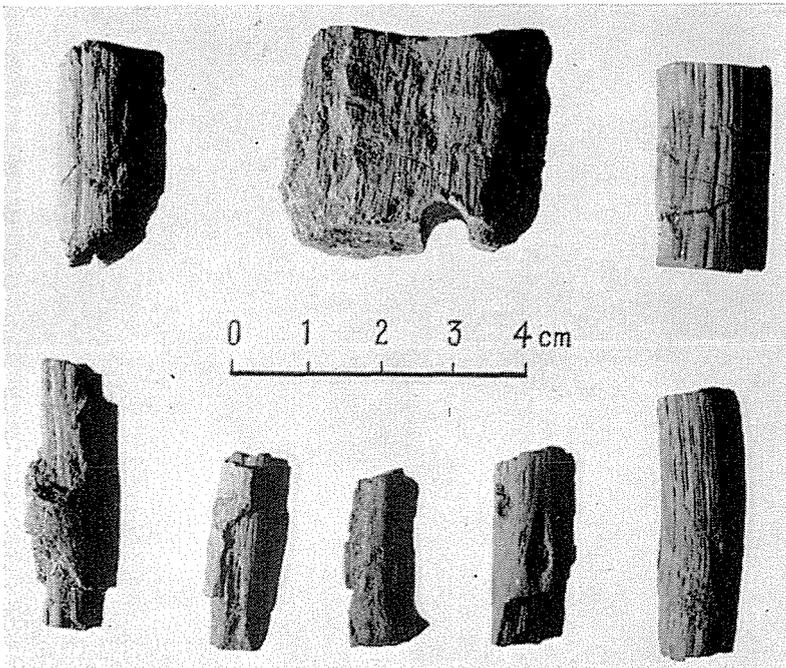


Fig. 13 — Porções de madeira incarbonizada.

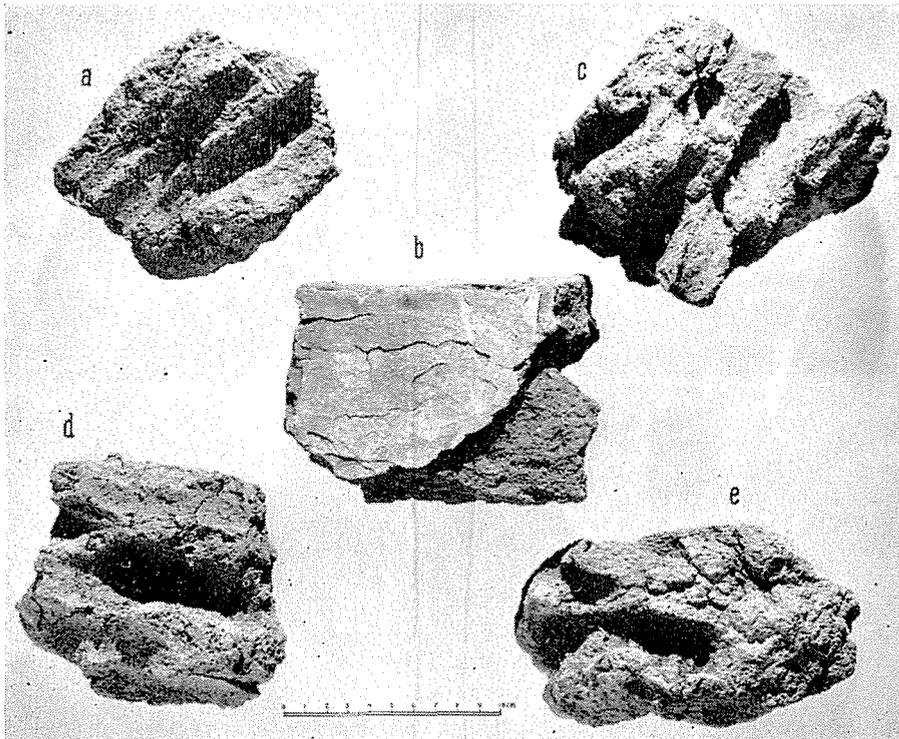


Fig. 14 — Blocos de barro mal cozido com a impressão de ramos de árvore. O bloco central (*b*) mostra a superfície rebocada com uma pasta branca.

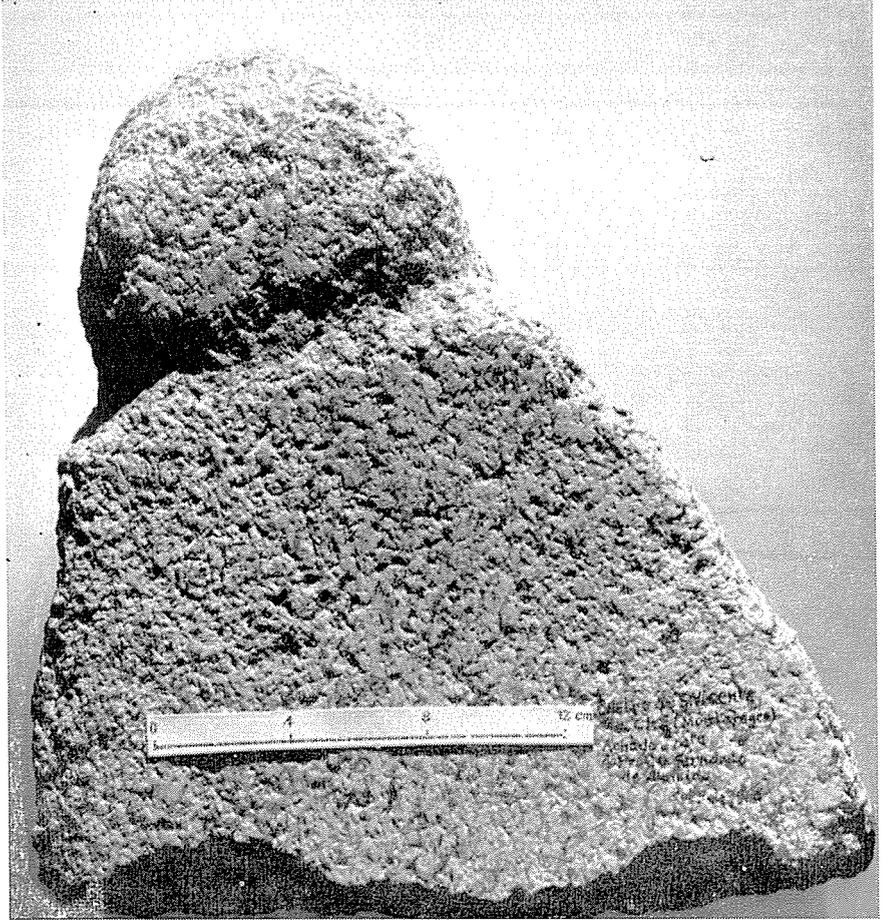


Fig. 15 — Fragmento duma pedra achada pelo ilustre Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, D. FERNANDO DE ALMEIDA. Segundo seu parecer trata-se duma porção de um idolo.

empreendeu, a pedra que reproduzimos na fig. 15. Segundo o parecer deste distinto arqueólogo trata-se de uma porção de uma pedra-ídolo. A configuração que esta pedra apresenta sugere na verdade tal classificação.

Objectaremos apenas que o polimento que se observa numa das faces e a marcada concavidade que nela se regista, poderão, talvez, conferir-lhe um significado bem mais trivial. Não poderá tratar-se de um afiador ou pedra dormente de moinho manual? Esta hipótese, aliás, não invalida a atribuição da pedra-ídolo. Esta por qualquer circunstância, teria perdido o seu significado simbólico-cultural, digamos, religioso, e teria sido utilizada para qualquer das finalidades indicadas ou outras similares.

Outros achados

Do espólio que temos recolhido neste castro fazem parte algumas peças que seguidamente enunciamos.

— 3 cossoiros, dos quais dois apresentam as faces planas e paralelas. O outro, tem os bordos arredondados, uma face convexa e a outra face apresenta uma depressão mediana que rodeia o orifício central (Fig. 8).

— Um pequeno objecto de bronze de contorno oval e que apresenta as seguintes dimensões: eixo maior 21 mm; eixo menor 15 mm; espessura 6 mm (Fig. 8).

— Do ferro encontrado, alguns pregos, porções laminares, etc., destaca-se a peça reproduzida na fig. 9, que lembra um machado de gume em crescente mas cujos vértices estão revirados no mesmo sentido, tal como sucede nos trados. Não encontramos na bibliografia que conhecemos objecto similar.

Este machado, por se encontrar profundamente oxidado, foi submetido a tratamento que visa a sua conservação, tendo para tal sido enviado ao laboratório do Museu Monográfico de Conímbriga que, no tratamento das velhas peças metálicas arqueológicas, atingiu manifesta perícia e notável perfeição.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
Abril de 1968.

OSVALDO FREIRE

Assist. Ext. da Faculdade de Ciências da Univ. do Porto